

Instituições Particulares de Solidariedade Social

ESTE fim de semana, em Fátima, uma magna Assembleia das IPSS juntou centenas delas, que são as bases do sistema, para o início de um novo modelo organizativo — Confederação Nacional, cúpula das Uniões Distritais — e para eleição e tomada de posse da nova equipa de timoneiros que rendem os que há catorze anos têm dado o peito nesta área da vida em sociedade, nem sempre pacífica.

Antes, porém — e tal me pareceu pouco conseguido — era proposta uma reflexão alargada «sobre a melhor forma de interpretar, HOJE, a Identidade e a Autonomia das IPSS, ou seja, o seu SER e FAZER».

HOJE, sempre, a melhor forma de «interpretar» é tentar discernir o que é uma Instituição desta natureza: de solidarie-

dade social, mas particular. Uma tal Instituição tem origem num pensamento sugerido por uma realidade de sofrimento humano que detectou e lhe procura um remédio que vá às causas dele e o cure ou, ao menos, o mitigue. Há, antes dela uma pessoa, ou pessoas, alguém tocado por dores alheias, que assume uma vontade de as aliviar, livremente, sem qualquer obrigação estrita; e que busca ou teve a inspiração de uma resposta e se organiza para a pôr em acto. Esta resposta é uma geração sua; tem identidade própria. Não é a personalidade jurídica que porventura adquira, que lhe dá o ser. A validade da Instituição assim gerada, o tempo a atesta; a sua pertinência, o tempo a confirma. E pena é que algumas deixem descaracterizar o rosto e o perfil com

que nasceram e caíam na vulgaridade do padrão que os Poderes do mundo sempre tentam impor.

Muitas destas Instituições Particulares vêm de longe e têm-se por filhas da Igreja. Na sua gestação está a mais universal comissão de Deus aos homens: que se amem como irmãos, em obras e em verdade; que façam aos outros como queriam que lhes fosse feito em semelhantes situações de carência e de sofrimento — a Caridade posta no alicerce e de argamassa da Justiça a construir. Aí, Deus obriga-Se a inspirar aqueles que chama a revelar a Sua Providência de Pai pelo exercício das Obras de Misericórdia. A inspirá-los e a assisti-los sempre em tal exercício. E não falta, na medida da fidelidade dos chamados. Dois

mil anos de era cristã apresentam-nos muitas demonstrações pela positiva desta verdade; e pela negativa, infelizmente, muitas mais: A efemeridade dos impérios do mundo e a perenidade das Obras da Justiça e do Amor!

Não se profane, pois, o *ser* de Instituições assim. O Povo simples, na sua intuição da Verdade e do Bem, entende-as e é-lhes devotado. Mas não assim os *fariseus e escribas* e os *doutores das leis* que são HOJE, sempre, uma existência real. *Ser* que se não profane; *agir* que se respeite na sequência lógica que é relativamente ao *ser*; e se não ponha em causa levemente só porque são frágeis e passíveis de errar os que agem.

As Instituições Particulares que se têm como filhas da Igreja, atentem na advertência luminosa do Senhor D. António que foi Bispo de Porto: «A Igreja não faz Assistência; faz Caridade». Pode a Caridade encarnar em formas próximas das da Assistência (agora dita, com alguma hipocrisia, Solidariedade). Porém, a Caridade

Continua na página 4

ENCONTROS EM LISBOA

O mais e o menos

DEI-ME conta de que quando as pessoas me perguntam como vai tudo, ganhei o hábito de dizer «mais ou menos». Sinto que este «mais ou menos» não é uma resposta estafada e rotineira, mas espelha o que vai acontecendo, no dia a dia, ao longo do ano. A nossa vida está tão marcada por acontecimentos positivos e negativos que não conseguimos viver, nem a euforia de um momento muito agradável, nem podemos entrar em dramatismos do «está tudo mal». Um exemplo:

Esta semana que findou foi marcada por dois Mários da nossa Casa. Os dois deixaram a Casa, mas foi diversa a forma de a deixar e, possivelmente também serão diferentes as consequências futuras.

Começamos pelo Mário «mais». Viveu conosco durante catorze anos e meio. Chegou com nove anos. Parte com vinte e três e alguns meses. Deixou muitas recordações. Sempre bem disposto, era uma alegria nas nossas Festas. Entregava-se a qualquer trabalho, aqui em Casa, com enorme generosidade. Amigo e responsável. Fez um percurso escolar sempre com algumas dificuldades. Terminou o nono ano e ainda se lançou num curso profissional onde as dificuldades se agravaram. Deixou os estudos e lançou-se no mundo do trabalho. A determinada altura decidiu mudar do trabalho que tinha por um mais adaptado a ele. Para todas as decisões que tomou foi conversando e pedindo conselho. Sempre poupado e lutador sonhava com a compra do seu apartamento. Sonho realizado e logo um «vou dar o lugar a outro». Serena a sua despedida e um conselho aos que ficam: «escutem o que se vos diz e aproveitem a oportunidade que esta Casa vos dá». Um final feliz e, ao mesmo tempo, uma prece a Deus para que seja abençoado nos seus sonhos e sua realização.

O outro Mário com sinal «menos». Chegou com dez anos e meio. Nunca tinha ido à Escola, ou se tinha ido nada sabia. Inteligente, fez uma escola primária rapidamente, tentando recuperar o tempo perdido. O quinto ano ainda correu bem, mas o sexto já foi um martírio, não por não saber, mas a idade tinha avançado e a vontade de estudar era pouca, sobretudo quando confrontado com as idades dos colegas. Pensou desistir, mas no final do ano afirmou convicto que queria continuar no sétimo ano. Foi. Em Novembro já as faltas começavam a abundar. Desta vez, nem o acompanhamento psicológico resultou porque decidiu deixar de lutar. Tentou um curso de aprendizagem com equivalência ao nono ano, mas o mês de Janeiro trouxe faltas e mais faltas e constante atitude de derrota. Acabou por ser expulso do Curso, por faltas e desinteresse. Não aguentou o impacto face aos colegas e decidiu abandonar a Casa aos dezasseis anos e meio, dizendo que ia trabalhar. Estou preocupado. O fruto destes anos de trabalho ainda não estava maduro para a colheita... Pedimos a Deus que caminhe com ele...

Eis, muitas vezes, as razões do meu «mais ou menos»...

Padre Manuel Cristóvão

Património dos Pobres

DAMOS, hoje, à estampa a imagem de duas casas feitas em Mira para duas famílias que nunca teriam acesso a condições dignas se não fosse o Património dos Pobres.

Compraram um terreno à Câmara a preços acessíveis.

O Património levantou as casas, telhou-as, rebocou-as por fora e pôs portas e janelas.

As famílias terão de as acabar: instalar luz, esgotos e água, rebocar por dentro e pôr portas interiores, loiças, azulejo e chão.

As casas serão sua propriedade. Um bem para a família que não poderá alienar durante vinte anos.

Com estes valores torna-se mais fácil pedir um empréstimo à Banca para os acabamentos e sentirem o peso de quem constrói também à custa do seu sacrifício.

Uma comissão de homens de boa vontade e sacrificados foi apoio e continua a ser segurança. Visitam, incentivam, amparam. Levam a cabo uma acção discreta de alto valor humano. Dão testemunho de fé verdadeira em obras e verdade.

Que bom seria encontrar em todas as paróquias gente com esta disponibilidade e este senso. Vale mais que toda a orgânica oficial.



O Património levantou as casas, telhou-as, rebocou-as por fora e pôs portas e janelas.

Os Pobres foram, são e serão sempre instrumento de evangelização. Hoje ainda mais do que noutros tempos de menos desenvolvimento económico e técnico.

O cristão actual precisa de se confrontar com as necessidades urgentes de outros homens sobretudo dos seus próximos, para não embarcar na mentalidade pagã, difundida a todos os ventos e não só aos quatro, de consumo e segurança.

Os Pobres devem ir, muitas vezes, à Mesa da Palavra de Deus de forma viva e testemunhal de alguém que prega aquilo que sente.

Não nos podemos fiar somente em técnicas ou ciência propalada oficialmente.

Um cristão vai mais longe, encontra sempre a repetição do misterioso sofrimento do Senhor.

É urgente ir, ver, sentir, sofrer para depois pregar.

Encontrei agora duas situações de família que me arrepiaram por causa do débil abrigo onde se acolhem neste Inverno rigoroso.

Numa freguesia próxima uma viúva de quarenta anos e três filhos vive numa casa

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBREZA ENVERGONHADADA — Hoje vamos contar um caso exemplo de muitos semelhantes que, infelizmente, há por aí. Trata-se da história de uma mulher que vivia feliz com o seu marido e três filhos. A profissão de motorista de pesados, do marido, levava-o com frequência para trabalhos ora aqui, ora ali que foram indo, foram indo até que só pôde passar a estar em casa aos fins-de-semana. Apesar destas ausências, durante alguns meses as coisas foram correndo relativamente bem: a esposa, como boa Mãe, lá ia cuidando dos filhos e trabalhando como costureira em casa, numa máquina de costura que ia pagando aos poucos. O marido quando vinha a casa trazia mais algum dinheiro e alguma companhia, mesmo que pouca, à esposa e aos filhos. No entanto, a partir de certa altura, mesmo este pouco que ia trazendo deixou de existir, porque ele, pura e simplesmente, deixou de vir a casa. Ninguém sabia o que esta mulher estava a sofrer. Se alguém passasse por ela não lhe ouvia nenhuma queixa nem lhe via nenhuma lágrima. Nesta situação as letras da máquina de costura e os alugueres por pagar começaram a acumular-se, pois o dinheiro que a mulher conseguia ganhar ia todo para o sustento dos filhos.

Foi então que uma vicentina atenta procurou saber do marido, usando para isso da maior discrição e carinho que lhe foi possível. A mulher acabou por lhe dizer que tinha notícia do seu marido estar no Alentejo e de que nunca mais querer desta família que cá tinha constituído e depois abandonado. O conselho amigo da vicentina foi então o de incentivar a mulher a ir procurar o marido, levando consigo os seus filhos, para ver com os seus próprios olhos a situação em que ele se encontrava. A resposta da mulher foi de que nem para isso tinha dinheiro que chegasse. A vicentina lá a ajudou a resolver mais este problema e a mulher pôs-se a caminho, depois de muito ter chorado na companhia da vicentina e de lhe ter pedido que guardasse tudo em segredo porque sentia muita vergonha.

Quando regressou e procurou a vicentina, a mulher disse-lhe que tinha encontrado o marido a viver com outra mulher e que não sabia agora o que fazer. O abono de família mal dava para o pão dos filhos, faltando dinheiro para o resto onde se incluíam as letras da máquina de costura e o aluguer da casa. Para isso, a Conferência Vicentina arranhou logo solução, liquidando todas as dívidas vencidas. Conseguiu também forma de, daí para a

frente, a mulher passar a receber duzentos euros por mês.

Compreensivelmente a mulher continua a pedir segredo. É para isto que servem as Conferências. Porque os vicentinos estão no terreno, conseguem, melhor do que os outros, descobrir a pobreza envergonhada e ajudar com a mão escondida. Também conseguem, melhor do que os outros, desmascarar a pobreza desavergonhada. As vicentinas e os vicentinos que, em conjunto, trabalham nesta paróquia, sabem que esta mulher não mente nem se quer aproveitar da generosidade dos outros. Por isso, sabem que precisa mesmo da ajuda que lhe conseguem arranjar e também sabem que lhe devem o respeito pelo seu direito ao silêncio.

PARTILHA — Recebemos um cheque de 149 euros, contribuição habitual para a nossa Conferência. «E Deus continue a velar por todos vós».

Mais uma carta, simpática, de um Padre, de algures.

Um cheque de quarenta euros, do assinante 58306. «Quero assegurar que a leitura para 2003, que não dispense, e faço de uma a outra face, há setenta anos! Sou professora primária. Sempre captei os vossos ensinamentos, do ponto de vista moral, cívico, pedagógico e recreativo».

Outro cheque, de cinquanta euros, da assinante 6692, de Torres Vedras.

Assinante 71290, de Mem Martins, presente com um grande abraço «em Cristo, para toda a vossa Obra. Este ano que agora começa seja de consolações e bênçãos para todos vós. E Deus vos salve. E contem sempre com a minha simpatia e gratidão».

Temos, agora, «uma pequena presença duma viúva, pequena oferta para medicamentos».

Américo e Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Tudo quanto esteja ligado ao Desporto, é maravilhoso! Desta vez, foi um grupo de rapazes que se deslocou até às piscinas de Lousada, para uma manhã de natação. Quando lá chegámos, fomos amavelmente recebidos pela D. Amélia Fonseca que, prontamente distribuiu o lanche aos rapazes. De seguida, encaminhou-os para o recinto da natação ao cuidado de dois professores, encarregados de os orientar na actividade para que foram convidados.

Divididos em dois grupos: os que sabem nadar, e os que

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 62.800 exemplares.

RETALHOS DE VIDA

Pinheiro

Eu sou o Samuel de Sousa Pinheiro. Nasci em 1990, em Lousada. Tenho doze anos e sou conhecido por Pinheiro. Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque faltava na escola e portava-me muito mal. Agora, frequento a terceira-classe e tenho a ocupação de varrer as ruas da nossa Aldeia. Aqui, tenho muitos amigos. Nos tempos livres gosto de jogar a bola, brincar e ver televisão. O meu clube é o Benfica.



Samuel de Sousa Pinheiro

ainda não são tão peritos na matéria, com água a 32°, foi um regalo vê-los desinibidos nas tarefas que os professores foram indicando, ao longo de quase toda a manhã.

No final, enquanto esperávamos pelo transporte, assistiram, da bancada, ao mesmo tempo que iam merendando, a um jogo aquático, cujas protagonistas eram duas equipas femininas. O entusiasmo era de tal ordem, que, parecia estarem a assistir a um jogo de futebol, como aquele que se realizou em nossa Casa, em 29 de Dezembro, à tarde. Mais parecia um «Porto-Benfica» à disputa do último ponto para a conquista do título de Campeão Nacional do que um jogo próprio da quadra e com os intervenientes em questão!...

Os Iniciados, começaram o ano de 2003 a jogar com o Futebol Clube Vilanovense. Um jogo agradável de ver, pelo bonito futebol praticado por ambas as equipas. Apesar do adversário muito determinado, e de nos termos apresentado um pouco desfalcados, conseguimos empatar a quatro bolas, depois de estarmos a perder durante quase toda a primeira parte do encontro por 2-0. Parabéns! Só faz falta quem está. Os treinos são para respeitar!... Lá diz aquele velho ditado: «Quem não trabuca não manduca». Razão pela qual, quem não treina, não joga. Só faltava agora, aqueles que, por ignorância, é claro, e que gostam de desestabilizar, dizerem que isto é repressão sobre os Rapazes! Não me admirava nada. Quem é capaz de publicar na imprensa diária, que fazer a lida de nossa Casa, pelos Rapazes, é exploração de trabalho infantil!..., é capaz de tudo.

Os Seniores receberam um clube de Matosinhos e ganharam sem grandes dificuldades. Foi uma primeira parte de bom futebol com uma dupla a funcionar em pleno: Daniel e Fábio, na linha da frente. A meio-campo, o sempre incansável Nilton, na defesa o «velho» «Caneco» e o «Bonga». Este último, fez um bom jogo,

sendo notória a sua subida de forma de jogo para jogo.

Alberto («Resende»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Cristo passou pelo mundo fazendo o Bem. A Seu exemplo fazemos também o bem ao nosso irmão mais necessitado. Foi esta a herança que recebemos, da qual teremos um dia que prestar contas.

Passou-se mais um aniversário do Príncipe da Paz que os homens continuam a rejeitar, gastando rios de dinheiro para fazer a guerra, enquanto outros nossos irmãos morrem de fome e de frio.

Na nossa Conferência tentámos, mais um ano, levar aos nossos amigos, algo mais do que é costume. E, porque era Festa, e dentro do pouco que nos dão, levámos uns docitos, umas nozes e alguns mimos, que eles agradeceram.

Neste tempo que passou, em nossas casas, montámos os presépios, fomos beijar a imagem do Menino Jesus. Tudo não passou de hipocrisia, se nesses gestos, nós não nos lembrámos dos nossos irmãos, com os quais estamos comprometidos.

RECEBEMOS — Judite Álvares, de Arouca, roupas. Maria Luísa, a ajuda do costume. Outra Maria Luísa, de Rio de Mouro, cinquenta euros. Ainda outra, Maria Luísa, da Régua, 250 euros. Maria Teresa, 150 euros. Maria Augusta, de Penafiel, cinco euros. Cinquenta euros, de Fernanda; e de Francelina, da Amadora.

A estes nossos irmãos, Deus deu o sentido da necessidade do outro, o instinto do amor ao próximo.

em nome dos nossos amigos, o nosso muito obrigado, e que Pai Américo peça por todos nós, junto do Pai do Céu.

Olga e Valdemar

SETÚBAL

HORTA — Semeámos batata, ervilha e fava. Também plantámos couves. A chuva prejudicou um bocado os trabalhos, mas já se vêem as plantas fora da terra. Demos a química às couves já crescidas, pois tinham escaravelho.

FUTEBOL — Os rapazes foram fazer um jogo de futsal a Setúbal com os antigos gaiatos. Vieram contentes embora tenham levado 10-4. Ganhar ou perder é desporto.

GALINHEIROS — As nossas galinhas e patas têm dado ovos para estrelar e para a gente fazer bolos. O Luís Paulo, o Mário e o Fábio costumam tirar o esterco aos galinheiros e dar água e ração aos animais. Como as aves andam à solta, dão-nos boa carne.

EMPREGOS — Alguns rapazes têm andado à procura, mas não têm conseguido. Uns têm mais estudos e outros menos, mas está difícil para todos. Eu gostaria de trabalhar numa quinta, a tratar dos animais e a cultivar o campo.

VISITAS — Tivemos connosco o nosso Padre Telmo que falou com os rapazes. Disse da fome que há em Angola e contou-nos histórias tristes dessa realidade. Em Fevereiro irá um contentor para Angola e nós vamos mandar coisas para lá.

«Cowboy»

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — No Domingo, dia 26, recebemos um grupo de jovens, da Pampilhosa, para um jogo de futebol. O grupo chegou um pouco atrasado, mas pouco importa. Os nossos rapazes tiveram mais tempo para aquecer. Sempre ouvi dizer: «Um bom aquecimento é meio caminho andado para a vitória» e foi o que aconteceu. Vencemos por 6-3. Marcaram os golos: o Zé Carlos, quatro; e o Manuel António, dois. Foi um bom jogo.

Continuamos a treinar para tentar ganhar a quem nos quiser desafiar.

OBRAS — Estão umas a acabar e outras a começar.

O primeiro andar e o rés-do-chão do poio, como se chamavam os andares antes das obras, estão quase prontos a serem habitados, outra vez, pelos rapazes. Daqui a pouco tempo poderão ver as novas instalações.

A começar, estão as obras na piscina. Já arrancaram o jardim por causa do seu alargamento. Esperamos que esteja pronta no Verão.

RAPAZES — Está connosco um africano, o Valiciano. Tem dezasseis anos e veio para cá para fazer uns exames. Esperamos que tudo corra bem e que ele possa ficar um pouco mais connosco, para restabelecer.

Outro rapaz doente é o Jorge, mais conhecido por «Cenourinha». Esteve internado no Hospital da Universidade de Coimbra. Tem epilepsia e, agora, desconfia-se de outra doença. Esperamos que não; se uma é muito, duas são demais.

CARTA DE CONDUÇÃO — Em nossa Casa temos mais um condutor. É o Manuel António, que é o chefe do Lar. Esperamos que, brevemente, seja ele a trazer-nos para o Lar.

ENCONTRO — Os rapazes do Lar de Coimbra tiveram um encontro com os Missionários Combonianos, no Seminário.

Divertiram-se imenso. Fizem o jogo «caça ao tesouro». Depois, houve um momento de oração e, de seguida, realizou-se um jogo de futebol. Dividiram-se em duas equipas, pois os seminaristas não jogaram. Só o senhor Padre Manuel Lopes jogou, e jogou para ganhar. Na final o resultado foi de 15-5. Venceu a equipa do senhor Padre Manuel Lopes. Não é em todo o lado que se vê um Padre de 47 anos jogando futebol melhor do que todos os que participaram neste encontro.

FRUTA — No dia 25 de Janeiro, três dos nossos rapazes puseram-se a caminho de Alcobaca, numa carrinha que trouxeram carregada de fruta, oferta de uma senhora daquela terra. Chegaram tarde, mas valeu a pena.

Adriano

Veze sem conta

Veze sem conta
Foi amado
Odiado e rejeitado.
Veze sem conta
Não teve sorte.
Foi pobre
E passou fome.
Veze sem conta
Foi trabalhador,
Sonhador e perdedor.
Veze sem conta
Começou, recomeçou
Tudo de novo
Mas... nunca somou.
Veze sem conta
Andou armado
E não se arrepende
De nunca ter disparado.
Veze sem conta
Foi adulto, imaturo,
Crente e descrente
Deste mundo injusto.
Veze sem conta
Foi pioneiro
No avanço dos direitos
E também prisioneiro.
Veze sem conta
Foi utopista, pacifista,
E humanista!
Veze sem conta
Foi povo!
E será sempre povo!

Manuel Amândio

Tribuna de Coimbra

NATAL, é sempre! Por isso ainda vamos a tempo de recordar os gestos de partilha fraterna que nos chegaram de tantos lados. Certos nomes e moradas já nos são familiares. Damos graças a Deus pela continuidade e pontualidade. Enchem-nos de consolo, estas presenças. Sentimos, nestas presenças, que o amor aos Pobres e aos pequeninos não é uma teoria nem uma preocupação estatística, mas uma realidade que preocupa, questiona e compromete a vivência de um Natal diferente.

Todas as cartas trazem mensagens sentidas, discretas, cheias de encanto. Em algumas dessas mensagens, a ortografia denuncia já alguma dificuldade em deitar os caracteres ao papel. Há quem diga mesmo o peso dos anos e da visita da enfermidade, pessoal ou de familiares próximos, ajuntando com preocupação e estima: «que nunca vos falte força, saúde e meios para continuardes...» Estamos certos de que nunca nos irão faltar estes meios porque nas obras de Deus é Ele mesmo quem põe e dispõe, quando e como quer. A paixão pelos Pobres e oprimidos atravessa a história humana num filão inesgotável de meios e pessoas comprometidas..., em que o próprio

Deus surge como primeiro protagonista. Será Ele também que em cada época e em cada tempo chamará aqueles que entender e, por caminhos diversos, a actualizarem o Seu projecto libertador. A libertação dos Pobres e oprimidos desenhará sempre no seu horizonte os traços da transcendência. Por vezes, tememos que a intoxicação cultural envolvente e a consequente relativização dos valores afastem as novas gerações desta paixão essencial. O Padre Américo é uma referência histórica e, como agora se diz, mediática, desta paixão. O Natal recorda e actualiza esta paixão. Foram muitos os nossos Amigos que dela deram testemunho em nome próprio e pela sua partilha. De Coimbra: Cruz Pontes, Madalena Formiga, Machado Relvão, Guerra Pratas e Santos Minga. Vieram também Joana, Fátima, Eduardo, Vasco, Adelina, Rosa, Pedro, Manuel, L. Ferrand, Ângela, Fernando, José, Graciano, Margarida, Amélia, Marcelino, Isabel, Francisco, António e Dina, Jorge, Eugénia, Carlos, Bernardete, Sílvia, João, José Paulo, Alzira, Cecília, Célia, Rossete, Américo, Prof. M. Antunes, Confraria da Rainha Santa, Junta de Freguesia da Sé Nova, Funcionários do IPJ. Os «monumentais»

bolo-rei que o Humberto encomenda na pastelaria e depois manda buscar. Tudo isto é muito mais de Coimbra! Quanto a valores, foram unânimes: «Que só Deus saiba...» Nada mais evangélico! E agora, por terras: Miranda do Corvo — a nossa terra — Castelo Branco, Porto, Viseu, Porto de Mós, Vila Real, Fornos de Algodres, Pontão, São João do Campo, Conca-vada, Sertã, Portalegre, Luso, Casal dos Valentos. Muitos de Tomar! Golegã, Lisboa, Guimarães, Figueira da Foz, Aveiro, Mira, Santarém, Pousadouras, Confulcos, Lousã, Seia, Oliveira do Hospital, Braga, Cebolais de Cima, Pombal, Mealhada, Anadia, Fiães, Poutena, Granja do Ulmeiro, Ansião, Chão de Couce, Poiães, Cadima, Condeixa, Unhais da Serra, Covilhã, Fundão, Tortozento, Amadora, Figueiró dos Vinhos, Proença-a-Nova. Paróquia de Condeixa, Auto Industrial. Na Igreja de São José, e no nosso Lar de Coimbra, muitos envelopes — sempre com a mesma recomendação «que só Deus saiba». Vamos cumprir! Em nossa Casa: também envelopes, cabritos, bacalhau, muitos bolo-rei e outros. Carne da melhor, do Grades — por quem rezamos muitas vezes. De roupa nem se fala! E calamo-nos, porque é Deus Quem fala através de tanto bem repartido por tantos corações que desejam ser apenas por Ele conhecidos e recompensados.

Padre João

Património dos Pobres

Continuação da página 1

feita de pedras, construída há muitas décadas, pedra sobre pedra, ligada com terra e sem reboco, por isso cheia de buracos onde entra o frio.

Sem chaminé fazemos fogo encostado à parede que por isso está negra e coberta de fios de fumo agarrados às pedras salientes. Dois quartos sem portas embora com abertura e sem janelas porque nem sequer têm cavidade.

Como se pode viver assim?!...

Renda? — Sim, setenta e cinco euros por mês, pois explora também um pequeno quintal onde cultiva hortaliças e legumes para a família.

Agora, tinha tirado o filho da escola, com doze anos, para tomar conta da irmãzinha enquanto a mãe trabalha!

Se não víssemos, não acreditaríamos!

Nos tempos de hoje!

O Pároco mandou-me uma carta. Sei que os Padres são poucos e têm muito trabalho. Mas a visita aos Pobres é prioritária. Já teria escrito à assistente social da área? E a autarquia era conhecedora da situação? A viúva diz que sim, mas ninguém fez nada.

Oh, indiferença!

Oh, injustiça!

Oh, crime!

Fui também visitar os pais de dois rapazinhos acolhidos aqui, em Casa. Solicitavam-me a entrada de outro irmão, mais pequeno, por faltar à escola. Fui ver. Os relatórios trazem o que lá se escreve, para conhecer a verdade é preciso ir ao local.

Com que deparei?

Numa encosta sombria, eram dezasseis horas, encontrei a (casa?) e os pais dos pequenos.

«Que aquilo era só álcool», tinham-me informado. Naquela tarde não os senti alcoolizados, pelo contrário, meigos e respeitosos. Diminuídos, sim; ignorantes, também!... Mas a casa, meu Deus! — Aquilo era casa?

A geada branca atapetava completamente as traseiras, a frente e o lado do tuguírio. O caminho de acesso, de água vidrada, obrigava-nos a minuciosas cautelas não nos fossemos estatelar. Nem água e a luz era emprestada. Como é possível? Ninguém se dói. Tirar o filho àqueles pais pode ser uma grave injustiça.

O problema é complicado.

Também só tive impressões. O tempo não deu para analisar as coisas, mas pareceu-me haver ali um amontoado de injustiças de que ninguém se apercebe.

O caminho certo e justo será, em primeiro lugar, arranjar-lhe uma habitação com o mínimo de condições. E, depois, exigir. Assim, não. Infringe-se o direito natural.

Padre Acílio

Cartas

«Peço desculpa por o não fazer há mais tempo, mas ele não estica e, quando se têm muitas tarefas para desenvolver, nem sempre é fácil arranjar um bocadinho para vos saudar. Mas confesso que para ler O GAIATO arranjo sempre um tempinho. Continuo a encontrar no Jornal e nos testemunhos dos vossos gaiatos um enorme enriquecimento interior. Às vezes, são as coisas mais banais que muito nos ensinam. (...) 'A Obra da Rua não é somente dos Pobres'...

Assinante 68573»

«Renovo a assinatura d'O GAIATO que leio com grande satisfação e emoção. Levo-o para a minha comunidade para que outros o possam ler também. Dou graças a Deus por haver, ainda, neste mundo tão materialista, homens e

mulheres capazes de dar a vida para servir Cristo nos irmãos. Faz, hoje, precisamente um ano que a minha mãe partiu para o Céu. Também ela, apesar de não saber ler, era assinante do Famoso e, sempre que podia, gostava de partilhar convosco o pouco que recebia. Com ela aprendemos a partilhar o amor ao Próximo. Permitti-me de vo-la recomendar nas vossas orações, que ela, no Céu, continue a interceder por nós.

Assinante 69004»

«Aprecio imenso a Obra da Rua e o trabalho que realizam. É formidável como Deus criou 'Padres Américos' para darem continuação a uma Obra social, caritativa e humana com essa grandeza. Faços votos para que nunca esmoreçam, que nunca vos falte a força de vontade e o espírito de sacrifício dispendido não acarrete doenças físicas ou psíquicas a todos os envolvidos nessa grandiosa tarefa.

Assinante 24693»

Jesus Cristo

Não és já para mim um Ser do Além,
Mas tenho-Te a Ti hoje como irmão;
A meu lado caminhas, dás-me a Mão,
Apontas-me o que é falso ou nos sustem.

Não és um Ser distante, mas Alguém
Com Quem discuto,

[mas tens sempre razão!
E, sendo assim, meu pobre coração
Vê, por Teus Olhos, aquilo que está bem.

Mas Cristo é Deus, vivendo lado a lado
Com o pobre, o faminto, a amargura,
Com as misérias do Mundo, com o pecado.

E eu que sou um desses de alma dura,
Por Seu perdão, fui logo abençoado,
Eu vi como fugir da desventura.

Assinante 67284

DOCTRINA



«Desde esse dia
se uniram
as nossas almas»

MAIS, no Porto, vinte e cinco escudos «por alma do senhor D. António Barroso». Alguma vítima da bondade daquele Prelado que quer pagar amor com amor! Eu suponho que as roupas usadas são limpas e que todos quantos no-las enviam têm o cuidado de nos declarar previamente se as peças necessitam particular cuidado em matéria de desinfecção. Sim. Estou certo que onde houver a vontade de dar, também existe o poder de compreensão. Mais uma dúzia de guardanapos de linho caseiro, em folha. Oh, ciência de dar aos Pobres, que és tão rara como os corvos brancos ou a lua azul! Mais um grande pacote de preciosos cobertores de lã. Que importa que estejam puídos do tempo, se aquecem da mesma sorte! Mais, no Depósito, de São João da Madeira, «para os que não sabem quando fazem anos», um pacote de brinquedos e chocolates. Mais peúgas de A Meia de Ouro. Mais seis guardanapos de linho, direitinhos do tear, com certeza da mesma pessoa que antes mandara seis. Pois vão aparecendo corvos brancos! Mais de Resende, castanhas e roupas lindas. Mais, de visitantes, duas alianças de ouro. Mais, de algures, pelo correio, objectos de ouro, entre os quais um anel precioso com pedras finas. Como esta Obra é valente!

MAIS a seguinte carta que trouxe um dos nossos distribuidores do Jornal, com cento e cinquenta escudos dentro:

«Faz hoje precisamente dez anos que minha mulher e eu nos conhecemos. Desde esse dia se uniram as nossas almas. Casámos e temos agora um casalinho, para quem desejamos todas as venturas.

E ao lembrarmo-nos da felicidade relativa que podemos dispensar aos nossos filhos, lembramo-nos também da infelicidade que rodeava os seus gaiatos até ao dia em que sua mão protectora lhes abençoou a frente.

E para que Deus nos permita rodear os nossos filhos da felicidade que lhes ambicionamos, queremos contribuir, dentro do possível, para a felicidade dos seus gaiatos.

Temos acompanhado a sua campanha desde o início. Já tivemos ocasião, por diversas vezes, de contribuir para os gaiatos — mas não interessa saber onde nem como. Queremos só que tenha a certeza de que na nossa casa, como em muitas outras, se pensa em si e nos seus rapazes. E pensando em si, Padre Américo, pensamos na doutrina de libertação humana que Jesus trouxe aos homens. É quanto nos basta.»

«**D**ESDE esse dia se uniram as nossas almas». Sim, meu senhor, isso é o Sacramento do Matrimónio — a união de duas almas. Eu não teria aqui comigo esta multidão de pequeninos se fosse moeda corrente no Mundo a união de duas almas. Eu também penso muitas vezes nos lares que Deus abençoa, porque almas unidas. Eu amo infinitamente estar algum tempo nesses santuários, para tomar ponto e sentir que a luz do Mundo ainda se não apagou; e, desta sorte, ter coragem, mais coragem, para ser testemunha de vista do desmoronar social para o qual não temos remédio. Reze por mim, meu senhor.

D. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)



Setúbal

«O homem é hoje o grande trunfo...
O homem sobrenatural...
O homem riqueza divina».

Pai Américo

A grandeza do homem está na sua alma.

Onde fica a alma? Órgão não é! É, antes, como que o depósito da energia divina, o amor de Deus no homem.

É a alma que leva aos grandes feitos, sendo o maior deles, amar.

Há dias, tivemos entre nós um problema complicado; quando mexe muito com a vida dos rapazes, temos um problema complicado. Quando assim é, o que mais desejamos é perdoar. Mas é preciso ter razões que o justifique. Quando o próprio necessitado de perdão não nos dá sinais, a intercessão de

outros pode valer. Foi o que aconteceu neste caso. Bastou uma lágrima a brotar da alma, para que o perdão tivesse toda a justificação. A justiça humana é cega; não podemos dizer o mesmo quando ela é exercida com o amor de Deus.

Quanto problemas se não resolvem por esse mundo além, com gestos de amor! Quantas portas se abrem às necessidades dos homens, quando se age por amor.

Quando Pai Américo proferiu as palavras citadas, clarificou que não era o homem económico o trunfo das grandes cartadas humanas. Hoje apetece-me acrescentar, que também não é o homem espectáculo o grande trunfo.

A nossa civilização está centrada no homem espectáculo, por interesse do homem económico. Aquele é o pólo

de atracção de todas as atenções. Os indivíduos e os grupos, orientam-se para o espectáculo. E quem busca o homem interior, o homem que vive com alma? Mesmo quando as atenções se centram no Pobre, também este aparece como objecto de espectáculo.

O homem sobrenatural age pela caridade. Só ela é capaz de fazer o bem. A caridade não se mostra, não se expõe para ser vista.

As obras humanas só são plenas de humanidade, quando realizadas pelo homem interior, homem com alma. E estas obras revelam a fonte da caridade. O nosso Deus que quis ficar escondido, revela-se no homem Jesus Cristo e continua a revelar-se no homem com alma.

Muitos ideais acerca do homem, sujeito dos dinamismos da história humana, falharam ao longo dos tempos. Embora como fermento na massa, o homem riqueza divina, será sempre a maior riqueza da humanidade.

Padre Júlio

BENGUELA

Dificuldades escolares

QUANDO vossos olhos poisarem nesta mensagem, já o ano lectivo, em Angola, deu os primeiros passos. Devo confessar, com muita mágoa, que, nalgumas classes, o ano que passou foi mau. Queremos remediar, no novo ano escolar, tanto quanto pudermos. Não sou capaz de enumerar as causas de tamanho insucesso. São muitas, por certo.

No que depender de nós, continuaremos a investir uma parte muito nobre da nossa vida, quer em meios humanos, quer em meios materiais. Espero, em breve, reunir-me com as pessoas responsáveis pelo ensino, a nível local, para tentar encontrar ajuda de muito valor na selecção dos professores em nossa Casa. Julgo que é um dos factores mais importantes na melho-

ria dos resultados escolares. Entretanto, o sonho de termos rapazes formados à frente da nossa escola continua a alimentar a nossa esperança de dias melhores.

Foi, sem dúvida, alarmante o insucesso escolar, situado ao nível dos sessenta por cento, na Província de Benguela. Sofro duramente por esta situação que nos atingiu também. O acompanhamento dos alunos, mais de perto, é outro propósito que levamos dentro de nós. Nas dificuldades resultantes dos baixos salários atribuídos aos professores; na formação deficiente de muitos dos quadros de ensino; na degradação dos estabelecimentos escolares; na falta de espaços em condições mínimas para ensinar, a motivação das pessoas é seriamente afectada. Só o amor muito grande às crianças, aos ado-

lescentes e jovens é capaz de vencer a barreira do desinteresse. Juntamos a estas causas a situação de abandono, quase total, em que se encontram as crianças, em sua maioria, por falta de acompanhamento da parte dos seus encarregados de educação. Da nossa parte, temos estruturas boas. Procurámos acompanhar. Mas não chegou. Não vamos desanimar, por isso.

No processo educativo, o educando tem um papel insubstituível. Tem que participar. A educação, a todos os níveis, passa necessariamente pelo educando. Daí um esforço renovado em ajudá-lo a descobrir os motivos sérios para o estudo e as actividades relacionadas com a sua educação. É uma obra de técnicos. E o técnico, em educação, é, em primeiro lugar, aquele que ama os seus educandos. Educar é, antes de mais, uma obra de muito amor. Por isso, dizia que só quem ama muito pode superar também as muitas e grandes dificuldades. Talvez falte uma boa dose deste remédio nos servidores da educação...

Ao escrever estas notas sobre um tema tão escaldante, tenho consciência dos problemas graves por que passam os nossos professores. Vamos tentar descobrir o caminho para os ajudar também. Vivo, como qualquer pai ou mãe que têm a missão de ajudar os filhos a entrar na vida com os pés seguros, a preocupação dum boa preparação escolar. Experimenten-

to as dificuldades resultantes do atraso em que se encontram alguns dos rapazes, na hora em que é exigido um determinado grau de escolaridade para a frequência dos cursos profissionais que lhes dão acesso ao mercado de trabalho mais qualificado. Mais dezassete filhos desta Casa, com mais de dezoito anos, vão ingressar no Centro de Formação Profissional que os vai acolher, porque quer ajudar a Casa do Gaiato. Outros tantos já se encontram a trabalhar. Mais poderiam subir na escala do emprego, se tivessem melhor preparação escolar. São um fruto da situação social, em desgraça, quando vieram à luz do dia e cresceram, até que deram entrada na Casa do Gaiato. Fizeram a recuperação lenta e difícil à idade em que chegaram. Agora, um mundo novo se lhes abre. O mundo do emprego no meio da sociedade.

Tenho, diante de mim, uma passagem de Pai Américo que vem a propósito: «Quanto mais procuram os meus filhos, maior o medo de que eles venham a falhar. Ainda outro dia fui pessoalmente a casa dum Patrão dizer qual o ponto fraco de um dos meus. Eu ando sempre cheio de medo. Eles são tantos! O mundo espera tanto deles! Pessimista? Um cristão é, por definição, um homem que tudo espera e tudo crê. Pessimista, não. É o sentido das realidades.» No sábado passado também fui pelas casas onde tenho rapazes a trabalhar para saber como estavam: eles e os patrões. Aprendi. Ganhei mais experiência. Uns e outros sabem que não estão sós. Necessitamos de os acompanhar até ao fim.

Padre Manuel António

Instituições Particulares de Solidariedade Social

Continuação da página 1

imprime em tais Instituições um objectivo e uma formalidade transcendentais ao corpo que se vê — dá-lhes alma. E a alma percebe-se... — menos por quem recusa perceber. No universo das respostas aos Idosos, por exemplo, quantas como a das Irmãzinhas dos Pobres? Uma volta neste universo dá para entender o que é uma Instituição com alma e distinguir das que a não têm.

A Solidariedade Social a nível de serviço público, de resposta civil carregada de burocracia, sempre terá dificuldade no entendimento desta linguagem, incapaz que é de competir com ela. Paciência!... Mas que não estorve a outra solidariedade social, a Particular, que tem um *ser* e um *fazer* com motivações de horizonte mais amplo. E que estas Instituições e a sua Confederação Nacional ora nascida, ponham, de facto, a prioridade na exigência do respeito oficial pela sua Identidade e Autonomia e não na prestação financeira, dependente dos critérios orçamentais que tenham lugar. Assim farão crescer de verdade a sua autonomia e a sua dignidade.

Padre Carlos

MALANJE

Reflectindo

RESPIRAMOS violência por todos os poros. Os nossos adolescentes e crianças bebem-na, parados e estáticos, defronte a todos os ecrãs. Os que lêem, mastigam-na em todos os Jornais.

Quando as ondas da violência acalmam, vem a vaga de tudo quanto é negativo no mundo todo; como se tudo fosse o caos do mal.

Não interessam à Comunicação Social os sinais positivos em tantos exemplos belos de dedicação e amor aos outros.

Em todas as camadas sociais de todas as sociedades, há gestos de amor e dedicação, verdadeiramente, maravilhosos.

Seria proveitoso mostrarmos ao mundo tantos exemplos virtuosos e, até, de autêntica heroicidade pelo Bem, pela Paz e Harmonia em favor dos Irmãos.

Lembro aquele grupo de jovens que durante dois meses, deixando as suas férias, serviram em Malanje um grande grupo de crianças carentes.

Também, um grupo de Irmãs, isoladas numa missão do mato — em ajuda quotidiana ao Povo sofredor. Na primeira visita que lhes fiz, perguntei a um grupo de mulheres pela Irmã Gesah. Que não conheciam. Uma delas acrescentou: «Só se for a Irmã Camuala!»

Soube depois o significado da palavra: «aquela que sempre nos atende e nos sorri».

Sim, durante todo o dia e altas horas da noite, duzentos quilómetros de picada e pontes de pau para levar um doente ao Hospital.

Ai, que se a Comunicação Social nos mostrasse tantos gestos belos e de bem!, em vez de farejar o podre desta nossa sociedade sujeita ao ambiente da nossa fraqueza humana!

Em 1982 recebi, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, um telefonema, de Cascais. Era uma senhora e atirou-me: — Não compreendo que um gaiato — filho do Padre Américo — me tivesse roubado.

Estava mesmo revoltada e procurei explicar-lhe que pelo facto de uma criança entrar para dentro dos nossos muros não ficava santa. Ficou mais calma e então falei-lhe: — Sabe, minha senhora, ontem recebi de Penafiel um SOS a apresentar-me o caso de uma criança de nove anos que estava a dormir com sua mãe num quatinho onde a infeliz recebe os «clientes-homens» que a procuram. Diga-me como este menino se vai reabilitar, somente, pelo facto de transportar o portão de nossa Casa.

Percebi pela comoção da sua voz que chorava.

Quem se atreve a atirar uma pedra a esta criança pela primeira asneira dentro dos nossos muros?

Um grupo de amigos de Padre Américo criticou-o e quis dissuadi-lo: — O Padre Américo não vai conseguir fazer alguma coisa destes farrapilhos.

— Se um se salvar valeu a pena — respondeu.

Não foi um, são milhares! Em Portugal e no estrangeiro, com suas famílias e que hoje se sentem tristes e magoados com os efeitos dum informação pouco objectiva.

Padre Telmo

PENSAMENTO

Todos quiseram dar uma pedra para as obras. As pirâmides do Egipto são feitas de blocos e os rios de gotas.

PAI AMÉRICO